MEDIA E POPULISMO: Enquadramentos das imprensas brasileira e estrangeira na eleição de Jair Bolsonaro[1]

MEDIA AND POPULISM: Framing of Brazilian and foreign presses on Jair Bolsonaro's election

Hélder Prior [2]
Bruno Araújo[3]

***Resumo**: Partindo da discussão do conceito de populismo e da sua relação com os meios de comunicação, o trabalho analisa editoriais da imprensa nacional e internacional sobre a eleição de Jair Bolsonaro. O objetivo é perceber em que medida os enquadramentos construídos para interpretar o novo presidente expressam categorias semânticas da retórica populista. Com um modelo metodológico baseado em teorias do framing mediático, são analisados editoriais de O Globo, O Estado de S. Paulo e Folha S. Paulo. Na imprensa estrangeira, estudamos editoriais de El Pais, The Guardian, Público, Le Monde, Liberátion e The New York Times. O estudo testa duas hipóteses principais, segundo as quais: (i) os jornais assumiram as categorias daquilo que se entende por populismo para qualificar e enquadrar politicamente a candidatura de Jair Bolsonaro e (ii) os veículos nacionais procuraram construir a "normalização" da candidatura Bolsonaro, assumindo posição menos assertiva do que a da imprensa internacional, que o enquadrou como líder populista.*
***Palavras-Chave:** Populismo. Media. Editoriais.*

***Abstract**: Based on the discussion of the concept of populism and its relationship with the media, the work analyzes national and international press editorials on the election of Jair Bolsonaro. The objective is to understand to what extent the frameworks constructed to interpret the new president express semantic categories of populist rhetoric. Through a methodological model based on theories of media framing, we analyzed editorials from O Globo, O Estado de S. Paulo and Folha S. Paulo. In the foreign press, we have studied editorials from El Pais, The Guardian, Público, Le Monde, Liberátion and The New York Times. The study tests two main hypotheses: (i) the newspapers assumed the categories of populism to qualify and framing politically the candidacy of Jair Bolsonaro and (ii) the national vehicles built the "normalization" of the Bolsonaro candidacy, assuming a less assertive position than that of the international press, which made him a populist leader.*
***Keywords:** Populism. Media. Editorials.*

---

[1] Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho Jornalismo Político do VIII Congresso da Associação Brasileira de Pesquisadores em Comunicação e Política (VIII COMPOLÍTICA), realizado na Universidade de Brasília (UnB), 15 a 17 de maio de 2019.

[2] Professor da Universidade Autônoma de Lisboa. Atualmente, Professor Visitante na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Doutor em Comunicação pela Universidade da Beira Interior, com estágio pós-doutoral na Universidade de Brasília. E-mail: helder.prior@gmail.com

[3] Professor do Departamento de Comunicação da Universidade Federal de Mato Grosso. Doutor em Comunciação pela Universidade de Brasília. E-mail: brrunoaraujo@gmail.com

1. Introdução

Nas últimas décadas, temos assistido a um crescimento de partidos políticos, de movimentos e de lideranças populistas. Há várias explicações que nos ajudam a compreender este fenômeno, grande parte delas relacionadas com a chamada crise das democracias representativas, com o surgimento de sentimentos antissistema e anti-política, com a mediatização da corrupção política que, muitas vezes, contribui para criminalizar a própria atividade política, com as consequências das crises migratórias e o ressurgimento de sentimentos nacionalistas e xenófobos, como acontece particularmente em muitos países europeus, ou com o crescimento de sentimentos e discursos eurocéticos relacionados às consequências das políticas de austeridade aplicadas após a recessão econômica de 2008. Categoria semântica ambígua, o populismo constrói um discurso simplista que divide a sociedade em dois grupos homogêneos e antagônicos, povo "puro" e elites "corruptas", sendo identificado com dimensões discursivas antielitistas, antipluralistas e moralistas. Categoria de várias manifestações e variantes, o populismo tem sido estudado tendo em conta determinadas dimensões ou categorias retórico-discursivas que ajudam a compreender e a delimitar o fenômeno.

Nesse sentido, este trabalho visa analisar como a imprensa brasileira e estrangeira posicionou o candidato do *Partido Social Liberal* nas Eleições de 2018, Jair Bolsonaro, tendo em conta os elementos analíticos e os enquadramentos daquilo que se entende por populismo. Focamos a análise em editoriais publicados após o primeiro e segundo turnos das eleições, com um olhar focado em algumas das principais características da retórica populista, tais como o antielitismo, o anti-pluralismo, o moralismo, a anti-política, a polarização da sociedade em dois grupos, povo versus elite, "nós" versus "eles", o discurso anticorrupção e a negatividade.

O estudo se debruça sobre editorais publicados pelos jornais brasileiros *O Globo*, *Folha de S. Paulo* e *O Estado de S. Paulo* e nos editorais da imprensa internacional publicados pelos jornais *The Guardian*, *The New YorkTimes*, *Le Monde*, *Libération*, *El País* e *Público*. Procuramos descortinar as visões das publicações sobre o contexto político brasileiro, as qualificações atribuídas a Jair Bolsonaro, a visão da imprensa sobre aquilo que se entende por populismo, os

frames utilizados na instituição dessa visão e as eventuais consequências apontadas para a democracia brasileira.

Marcadas por uma proeminente polarização política, herdada, desde logo, do ato eleitoral de 2014 e agravada pelo processo que levou ao *impeachment* de Dilma Rousseff em 2016, as eleições brasileiras de 2018 resultaram na vitória do candidato de extrema-direita, Jair Messias Bolsonaro. Após vencer o primeiro turno com 46,03% dos votos, contra 29,08% alcançados por Fernando Haddad, candidato do *Partido dos Trabalhadores* apoiado pelo ex-presidente Lula da Silva, Jair Bolsonaro confirmou a eleição no segundo turno, com mais de 57 milhões de votos.

Com um discurso eminentemente antielitista, moralista e anti-corrupção, Bolsonaro prometeu combater os movimentos sociais, a "ideologia de gênero" e o "coitadismo" das minorias. Em várias ocasiões, ameaçou "banir os marginais vermelhos da nossa pátria", numa alusão aos apoiadores do candidato do *Partido dos Trabalhadores*, e chegou a sublinhar que, caso eleito, iria ordenar a prisão do seu adversário político, Fernando Haddad. Em termos de comunicação política, o candidato do *Partido Social Liberal* apostou nas mídias sociais para contactar com a sua base eleitoral, particularmente em plataformas como o *Youtube*, *Facebook* e o *Whatsapp*. A mobilização política fez-se, essencialmente, através de práticas de comunicação direta, fora dos mecanismos tradicionais de mediação e beneficiando da comunicação em rede, descentralizada e sem a mediação dos agentes orgânicos do campo do jornalismo. O período eleitoral ficou, ainda, marcado, por manifestações a favor e contra Bolsonaro, destacando-se as iniciatiivas "Mulheres contra Bolsonaro" e "#Elenão".

2. Populismo: conceitualização, características e abordagens

Populismo é um termo ambíguo e polissêmico, não havendo consenso acadêmico acerca da sua significação. Conceito "vago e impreciso, o populismo é utilizado em referência a regimes políticos distintos e a estratégias de comunicação diferenciadas, podendo surgir no espectro político de esquerda (Domingo Perón, Hugo Chávez, *Podemos*, *Syriza...*), ou de direita (Le Pen, Donald Trump, Jair Bolsonaro, *La Lega*, *UKIP*). Aquilo que se entende por populismo acaba por

abranger distintos fenômenos políticos e até comunicacionais, desde a sua gênese histórica, no final do século XIX, em países como Rússia e Estados Unidos da América. Margaret Canovan (1999) sugere que o "populismo acompanha a democracia como uma sombra". A tensão entre populismo e democracia é, assim, um convite permanente à mobilização populista. Com efeito, em tempos da apelidada crise das democracias representativas, a eficácia discursiva dos populismos e a sua capacidade para suscitar uma nova ilusão coletiva acerca da política ressurgiram na esfera pública, quer em movimentos sociais, quer em partidos antissistema, anti-*establishment*, que clamam por devolver o poder ao povo.

Na interface desta tensão, há um conjunto de ideias e de transformações da esfera pública voltadas para a complexidade das democracias representativas e das novas formas de comunicação política, permeadas pelo modelo da Rede e pela prevalência do ecossistema digital e da sua anatomia. São vários os autores que têm sublinhado o relevante papel das mídias digitais e das práticas de comunicação direta que possibilitam, na profusão, circulação e ampliação da retórica populista, apontando, inclusivamente, uma "afinidade eletiva" entre o populismo e a chamada política da pós-verdade (WAISBORD, 2018; GERBAUDO, 2018). De fato, é característico do populismo o estabelecimento de uma relação direta com o povo, dispensando a mediação das instituições tradicionais, como os partidos políticos e os meios de comunicação hegemônicos. E, como se sabe, as plataformas digitais acabaram por oferecer novas possibilidades para que os dirigentes políticos contactem diretamente o eleitorado, incutindo valores e crenças fora dos mecanismos tradicionais de mediação. Hermet (2003) destaca, justamente, que é característico do populismo o estabelecimento de uma relação direta entre o líder político e a "massa", sem níveis intermédios de representação.

Geralmente, o populismo prospera em países que enfrentam crises do sistema representativo, com baixos índices de cultura democrática e participativa, ou em países que embora tivessem construído um estável sistema democrático, falharam em algum momento no processo de representação e mediação entre a esfera política e os cidadãos, gerando sentimentos anti-política, antissistema e anti-corrupção. É, neste contexto que surge o líder populista, carismático, que oferece

soluções simplistas para quase todos os problemas do povo, desprezando as instituições tradicionais de mediação, com uma liderança fortemente personalizada, capaz de comunicar de forma direta e imediata com os seus seguidores.

2.1. Filosofia do Populismo: Ideologia, Lógica ou Estilo Político?

Umas das principais conceitualizações do populismo é aquela que analisa o fenômeno do ponto de vista "ideacional". Os politólogos Cas Mudde e Cristóbal Kalwasser são duas das principais referências desta abordagem, interpretando o conceito como uma ideologia que divide a sociedade em dois grupos, sustentada numa polarização entre "nós" e "eles". De acordo com os autores, podemos definir o populismo como "uma ideologia de baixa densidade que considera que a sociedade está, em última instância, dividida em dois campos homogêneos e antagônicos – o povo puro *versus* a elite corrupta – e que defende que a política deveria ser uma expressão da *volonté general* do povo" (MUDDE; KALTWASSER, 2017, p. 18).

Perspectivar o populismo como uma "ideologia de baixa densidade", a *thin-centered ideology*, permite compreender os motivos pelos quais a manifestação do populismo surge, quase sempre, combinada com outras ideologias ou outros elementos normativos, como o socialismo, o liberalismo, o nacionalismo ou o conservadorismo. Para além da divisão dicotômica da sociedade em dois grupos homogêneos e antagônicos, povo *versus* elites, Shills acrescenta que o populismo seria "uma ideologia que identifica a vontade do povo com a justiça e a moral" (SHILLS, 1956, p. 98 apud HERMET, 2003 p. 7). Anti-elitismo e moralismo são, assim, categorias do populismo, tal como o antipluralismo, elemento crucial apontado pelo politólogo Jan-Werner Müller (2017). Para além de se apresentarem como representantes legítimos do povo puro no desafio às elites corruptas, os dirigentes populistas reivindicam exclusividade nessa função representativa. Com efeito, todos aqueles que não se sintam representados pelo ator político populista, tendem a ser deslegitimados, excluídos do "povo puro" e tratados como dissidentes. Não obstante sofrer alguma contestação acadêmica, a abordagem "ideacional" do populismo permite compreender a maleabilidade e porosidade do fenômeno e os

motivos pelos quais o populismo é um conceito tão fluido que não existe de forma pura, densa, podendo apresentar vários subtipos.

No âmbito da teoria social e política, a perspectiva de Ernesto Laclau e a sua "razão populista" é aquela que teve mais impacto. Procurando resgatar o populismo de uma visão pejorativa e imprecisa, o teórico argentino interpreta o fenômeno como uma lógica retórica de confrontação social que opõe "massas" e elites dominantes. Para Laclau, o populismo é uma "lógica política" (2005, p. 117) que invoca a supremacia da soberania das massas contra as elites, ou bloco dominante, responsáveis por defraudar as expectativas do povo. Trata-se de um discurso anti-elite baseado em procedimentos retóricos assentes na construção do poder como força antagônica. Essa força que opõe "massas" e bloco dominante surge mediante um processo de equivalências, ou seja, pela transformação de demandas isoladas e heterogêneas numa demanda global assente na construção daquilo que se entende por "povo" puro. (LACLAU, 2005, p. 110). Todavia, na perspectiva de Laclau, o populismo não é só mera lógica da política. Se o "povo", conceito nuclear do populismo, é o sujeito de toda a atividade política, então o populismo é a lógica da própria política, sustenta o autor. Para Laclau, o povo não constitui uma expressão ideológica, mas antes uma relação entre agentes sociais.

Neste ponto, as demandas do povo surgem "isoladas", associadas a grupos sociais que enfrentam carências e que esperam ou solicitam a sua satisfação. Ao permanecerem "insatisfeitas" e ao não serem absorvidas pelo sistema político, desencadeiam um conflito, polarizando o espectro político mediante o surgimento daquilo que Laclau apelida de "cadeia de equivalências" de demandas insatisfeitas. À medida que as demandas isoladas (demandas democráticas), entram numa situação de articulação de equivalências, convertendo-se em "demandas populares", começa a construir-se a ideia de "povo" como "ator histórico", configurando-se o populismo em estado embrionário. Laclau sugere três pré-condições para a construção do fenômeno: uma articulação de demandas que torna possível a construção da ideia de povo; a unificação das diversas demandas num sistema estável de significação; a formação de um bloco ou de uma fronteira antagônica que separa o "povo" do poder.

Outros autores conceitualizam o populismo como um “estilo político”, tal como os estilos tecnocrático, autoritário ou pós-representativo. As análises teórico-empíricas que interpretam o populismo como um “estilo” estão normalmente centradas no repertório performativo utilizado para criar uma relação entre o povo e o líder populista. É uma concepção centrada nas estratégias comunicativas dos dirigentes políticos, particularmente nos elementos discursivos que possibilitam a polarização entre “nós” e “eles”, entre o “povo puro” e os inimigos internos ou externos e nas estratégias de comunicação direta utilizadas (MOFFITT; TORMEY, 2016; CANOVAN, 1999). Por conseguinte, a retórica populista consiste num apelo anti-*establishment* ou anti-elites e na “celebração” do povo puro da *heartland*, uma “comunidade imaginada”, onde, de acordo com a imaginação populista, o “povo puro” reside (BOS; BRUG; DE VREESE, 2011, p. 187). Geralmente, a retórica utilizada pelos dirigentes populistas centra-se na percepção de um estado de crise que necessita de reparação. É, neste sentido, que o discurso populista é dramatizado e performatizado por um repertório discursivo que apela a uma tensão entre blocos antagônicos, “amigo” e “inimigo”, o povo e as elites ou os *outsiders*, mediante uma linguagem simples, direta, clara e linear, a linguagem do “homem comum” (BOS; BRUG; DE VREESE, 2011, p. 187).

3. *Media* e Populismo

No atual contexto de mediatização da política, de uma certa colonização das demais esferas sociais pelo campo dos *media*, os partidos políticos e os seus dirigentes dependem dos meios de comunicação para construir a sua imagem pública, disseminar ideias e conquistar a aquiescência do cidadão-eleitor. Na maior parte dos casos, a vida política se desenvolve fora do alcance da experiência direta dos indivíduos. Deste modo, a construção e a percepção da imagem pública dos atores políticos passa pelos meios de comunicação, particularmente pelos programas televisivos, radiofônicos e pelos artigos de jornal.

Não obstante, a cobertura dos acontecimentos da política é, como se sabe, permeada pelas rotinas produtivas (*newsmaking*) e por enquadramentos explicativos que impõem uma definição dos acontecimentos, dos movimentos sociais e dos

próprios atores políticos e suas características. Efetivamente, quer a teoria do *agenda-setting*, quer a teoria do enquadramento, consideram que os meios de comunicação têm a capacidade de influenciar comportamentos e opiniões públicas, impondo, concomitantemente, quadros interpretativos dos acontecimentos políticos e dos seus atores. Deste modo, quando a retórica populista ecoa nas notícias e nos comentários de opinião sobre os acontecimentos da política, é previsível que os enquadramentos mediáticos influam na percepção do público sobre os atores populistas e suas propostas. Ao tornar salientes certos aspectos, atributos, propriedades e características dos dirigentes populistas, os *media* ajudam a construir e a moldar a sua imagem pública.

Por outro lado, o estilo e o discurso dos dirigentes populistas partilham alguns dos critérios ou valores que fazem, atualmente, parte da lógica do campo dos *media*. Na luta pela atenção pública, os meios de comunicação tendem a dar visibilidade a tudo aquilo que represente uma certa ruptura da normalidade do quotidiano. Neste ponto, o discurso emocional, disruptivo e, muitas vezes, politicamente incorreto, dos dirigentes populistas, adapta-se perfeitamente aos critérios de noticiabilidade da máquina narrativa dos meios de comunicação. De fato, o estilo populista partilha características da lógica mediática, particularmente a personalização, a dramatização dos acontecimentos do mundo, a emotividade, a transformação da linguagem e dos acontecimentos políticos em espetáculo, e uma certa atitude anti-*establishment* que pode aumentar a intensidade da cobertura sobre os dirigentes populistas (MAZZOLENI, 2003; BOS; BRUG; DE VREESE, 2011, p. 187). Ao provocarem o *statu quo* e a ordem social, a retórica populista acaba por merecer ampla cobertura dos meios de comunicação, garantindo, aos dirigentes populistas, um palco privilegiado de legitimação mediática essencial nas disputas contra os inimigos internos e externos.

De acordo com Mazzoleni (2018), é incontestável que a ação dos meios de comunicação está diretamente implicada no surgimento dos movimentos populistas. Os líderes populistas, como observado anteriormente, são geralmente lideranças políticas fortemente personalizadas que se encaixam, perfeitamente, na demanda jornalística dos *media* pelo tratamento espetacular e emocional da realidade social e

da vida política (MAZZOLENI, 2018, p. 53). A personalização, a dramaticidade e a espetacularidade, são características da atual lógica mediática que se combinam com as estratégias discursivas de uma "política pop", tão utilizadas por muitos dirigentes populistas. Os casos de Berlusconi, em Itália, e de Donald Trump, nos Estados Unidos da América, ilustram, justamente, a combinação de um estilo de comunicação política com a gramática do entretenimento da televisão popular e com os seus efeitos na transformação da visibilidade pública destes dirigentes. Por populismo mediático, entende-se, efetivamente, a produção ou cobertura de notícias que respondem aos impulsos comerciais, mercantis e disruptivos dos meios de comunicação, particularmente daqueles mais propensos ao infoentretenimento e à cobertura tabloide dos acontecimentos da vida política. Mudde (2004, p. 554) sublinha, a propósito, que, na batalha pela atenção pública dos espetadores, a ênfase de eventos escandalosos ou extravagantes da política oferece um palco privilegiado aos dirigentes populistas que encontram não só uma audiência receptiva, mas também um *medium* receptivo.

Com efeito, vários pesquisadores têm procurado estudar a relação entre o populismo e os meios de comunicação (MAZZOLENI, 2003, 2018; WAISBORD, 2018; GERBAUDO, 2018), analisando de que forma os *media*, particularmente os audiovisuais e as redes sociais digitais, contribuem para a difusão das mensagens populistas, garantindo uma certa "legitimação mediática" a esses movimentos, por um lado e, por outro, de que modo o campo do jornalismo, mediante determinados enquadramentos, constrói padrões interpretativos do populismo e das características dos dirigentes populistas, através de uma cobertura neutra, adversária ou interpretativa (HAMELEERS; BOS; DE VREESE, 2017; KRAMER, 2014). Quando a retórica populista ecoa nos *media*, é previsível que tais enquadramentos em disputa influenciem a percepção do público. Na luta discursiva pelo estabelecimento de narrativas políticas, confrontam-se, geralmente, dois tipos de *frames*: os dirigentes populistas, desafiadores da ordem social e do sistema, tentam promover um quadro de injustiça que necessita de reparação ou de reformas; as instituições tradicionais de mediação, por outro lado, respondem com a necessidade de promover o respeito pelas instituições, pela lei e pela ordem social (MAZZOLENI, 2003).

Assim, neste trabalho, procurarmos descortinar se as categorias semânticas que permitem identificar o populismo, analisadas nesta primeira parte, se relacionam com os aspetos da cobertura da impresa sobre o fenômeno do populismo. A partir do caso brasileiro, o artigo testa, paralelamente, de que modo a imprensa visa combater ou neutralizar as ameaças populistas à democracia, ao pluralismo e à liberdade de imprensa.

4. Metodologia

Na análise a seguir, vamos observar de que maneira a opinião de jornais nacionais e internacionais sobre a eleição de Jair Bolsonaro expressa categorias semânticas constitutivas de uma retórica populista. Num contexto em que o populismo se pulveriza pelos diferentes espaços do tecido social, é fundamental observar como o jornalismo enquadra a vida política, especialmente por meio da análise dos sentidos associados a certos atores políticos. Neste trabalho, o estudo dos enquadramentos pretende observar como elementos retóricos do discurso populista são apropriados pelo discurso jornalístico na expressão da sua opinião sobre o novo presidente brasileiro. Por enquadramento, entende-se o trabalho de ordenação semântica da realidade, com base em certos aspectos que ganham maior proeminência em detrimento de outros, por meio da articulação de procedimentos retóricos de construção textual (TANKARD, 2001; GAMSON; MODIGLIANI, 1989). Trata-se de quadros simbólicos que funcionam como mapas culturais compartilhados entre a instância enunciativa e o seu interlocutor, com vistas à produção de avaliações sobre o real.

Como esses quadros simbólicos são resultado de processos comunicacionais vinculados à cultura, esta análise compara editoriais publicados na imprensa brasileira e estrangeira, no sentido de identificar eventuais dissonâncias no modo de ordenar a realidade na eleição de Jair Bolsonaro. Assim, estudaremos os editoriais orientados por duas questões principais:

(i) Que elementos da retórica populista podem ser observados nos enquadramentos construídos pela imprensa nacional e internacional em editoriais sobre a eleição de Jair Bolsonaro?

(ii) Existem diferenças nos enquadramentos da imprensa de referência nacional e internacional sobre a eleição do novo Presidente brasileiro?

Para guiar a análise, formulamos algumas hipóteses de trabalho que devem auxiliar na interpretação dos dados, apresentados a seguir:

(i) Os jornais assumem as categorias daquilo que se entende por populismo para qualificar e enquadrar politicamente a candidatura de Jair Bolsonaro;

(ii) Os jornais vislumbram ameaças para a ordem democrática brasileira e respondem com a necessidade de preservar o pluralismo e o respeito pelas instituições, procurando neutralizar a ameaça populista;

(iii) Apesar da preocupação com a democracia, os jornais nacionais procuraram construir uma normalização da candidatura de Jair Bolsonaro, assumindo posicionamento interpretativo menos assertivo na expressão de categorias da retórica populista, em comparação com os editoriais da imprensa estrangeira.

Para o estudo das hipóteses, construímos um *corpus* de editoriais nacionais e internacionais publicados nas duas semanas de votação, ou seja, início e final do mês de outubro de 2018. Selecionamos apenas os textos que deram centralidade à eleição de Jair Bolsonaro, com menções expressas ao político no título ou no primeiro parágrafo. Da imprensa internacional, analisamos editoriais de *The New York Times* (EUA), *Le Monde* e *Liberátion* (França), *El Pais* (Espanha), *The Guardian* (Grã-Bretanha) e *Público* (Portugal), conforme TAB. 1.

TABELA 1

Editoriais internacionais analisados

Jornal	Data da Publicação	Editoriais

Le Monde	09/10/2018 29/10/2018	La démocratie menacée[4] Brésil: inquiétant retour du passé[5]
Liberátion	04/10/2018	Menace[6]
El Pais	08/10/2018 26/10/2018 30/10/2018	A hora do Brasil Bolsonaro não é a solução Frente a Bolsonaro
Público	07/10/2018 28/10/2018	Brasil: a eleição do desespero Um dia negro para a democracia
The Guardian	04/10/2018 31/10/2018	Democracy in danger[7] A global danger[8]
The New York Times	21/10/2018 30/10/2018	Brazil's sad choice[9] Brazil lurches to the right[10]

Fonte: Elaboração dos autores.

No Brasil, estudamos os principais diários nacionais de referência: *O Globo*, *O Estado de S. Paulo* e *Folha de S. Paulo*. Neste caso, além de editoriais publicados em outubro, incluímos aqueles veiculados por ocasião da posse presidencial, no início de janeiro de 2019 (TAB 2).

TABELA 2

Editoriais nacionais analisados

Jornal	Data da Publicação	Editoriais
Folha de S. Paulo	29/09/2018 28/10/2018 29/10/2018 01/01/2019 02/01/2019	A hora do compromisso Defesa da democracia Constituição acima de todos Tiro no pé Retórica da posse
O Estado de S. Paulo	08/10/2018 29/10/2018 02/01/2019 03/01/2019	Uma escolha muito difícil Salto no escuro A posse de Bolsonaro Poderes harmônicos

[4] Em tradução livre: "A democracia ameaçada".
[5] Em tradução livre: "Brasil: inquietante retorno do passado".
[6] Em tradução livre: "Ameaça".
[7] Em tradução livre: "Democracia em perigo."
[8] Em tradução livre: "Um perigo global."
[9] Em tradução livre: "A triste escolha do Brasil."
[10] Em tradução livre: "Brasil dá guinada à direita."

O Globo	07/10/2018	Voto é renovação de compromisso com a democracia
	26/10/2018	Democracia modera discurso dos candidatos
	27/10/2018	Todos precisam trabalhar para a pacificação
	28/10/2018	Eleição é uma etapa no processo de mudança política
	29/10/2018	A hora do rodízio democrático no poder
	02/01/2019	Aceno positivo ao entendimento e ao fim das divisões

Fonte: Elaboração dos autores

Do total de 28 editoriais analisados, 13 foram extraídos da imprensa internacional, e 15 foram publicados por diários brasileiros.

5. Análise dos jornais brasileiros

A preocupação com os eventuais riscos à democracia é um enquadramento importante nos editoriais do jornal *Folha de S. Paulo*, cuja abordagem tende a equiparar os dois candidatos, Jair Bolsonaro e Fernando Haddad, como defensores de ideias que ameaçariam "a recente, mas sólida", segundo o jornal, democracia brasileira. Em todos os editoriais analisados nesta pesquisa, o jornal chama a atenção para a necessidade do respeito pelas das regras do jogo democrático. O jornal insiste nesta questão em diferentes momentos, anunciando a seus leitores que, de fato, a democracia brasileira poderia ser atingida por certas posições defendidas pelos dois candidatos. Ainda assim, no editorial de 29 de setembro de 2018, a *Folha* defende a solidez da democracia no país, numa resposta implícita às declarações do candidato Jair Bolsonaro, feitas dias antes do primeiro turno. Em entrevista a um programa de televisão, ele afirmara que não aceitaria outro resultado diferente de sua vitória. O editorialista, para quem "chegou a hora de [ambos os candidatos] expressarem compromissos definitivos com a democracia", recorda que:

> Quem participa da eleição presidencial adere tacitamente a um contrato com a nação. Obriga-se a aceitar o resultado soberano das urnas em caso de derrota, e, na outra hipótese, a respeitar a Constituição e os direitos fundamentais ao conduzir o governo. (FOLHA S. PAULO, 29/09/2018).

Na opinião de *Folha de S. Paulo*, Bolsonaro e Haddad defendem ideias potencialmente deletérias para o regime democrático. Do primeiro, sublinha-se o "flerte grotesco com torturadores", uma "iconografia basbaque da pistolagem" e o

"desprezo epidérmico pelas minorias". Sobre o segundo, destaca-se a posição do PT ao criar o bordão "Eleição sem Lula é fraude" e a "agressão constante a decisões legítimas da Justiça e do Congresso." De fato, o jornal constrói um efeito de equiparação dos candidatos, desconsiderando o longo tempo em que o Partido dos Trabalhadores esteve no Poder, sem oferecer riscos reais ao protocolo democrático, apesar das crises pelas quais passou[11]. No dia da eleição, *Folha de S. Paulo* voltou a pedir aderência estrita às regras do processo eleitoral. A insistência neste enquadramento atesta a apreensão do jornal com o dia seguinte das eleições. Em editorial de 7 de outubro, intitulado "A democracia merece respeito", assevera-se que "o país parece convicto de que realizará sua oitava eleição presidencial seguida em ambiente de plena normalidade democrática". Todavia, cobra-se compromisso de ambos os candidatos: "Será o momento de cobrar dos finalistas o comprometimento convincente com o arranjo institucional que sustenta a democracia brasileira (...)". (FOLHA S. PAULO, 07/10/2018).

Os receios da *Folha* permitem perceber, ao menos, dois enquadramentos convergentes com as categorias do discurso populista. De um lado, o receio do autoritarismo derivado de eventuais desrespeitos pela Constituição e o aparente desprezo dos candidatos, especialmente Jair Bolsonaro, às mediações institucionais da democracia, incluindo a própria imprensa. É o que se observa ainda neste excerto, publicado no editorial de 28 de outubro, às vésperas do segundo turno que daria vitória a Bolsonaro: "Retóricas ou não, sinceras ou oportunistas, as ofensas às instituições, aos direitos humanos e a liberdades fundamentais por parte do capitão reformado — e de seus acólitos do baixo clero agora elevados às luzes da ribalta— conotam comportamento abominável."

Em 29 de outubro, logo após a eleição, *Folha de S. Paulo* intitulou assim o seu editorial: "A Constituição acima de todos". Tratava-se de um rebate ao principal *slogan* de campanha de Bolsonaro – "Brasil acima de tudo, Deus acima de todos". O

[11] Note-se, por exemplo, que a ex-presidente Dilma Rousseff deixou o governo do país em agosto de 2016, após deliberação do Congresso pelo seu afastamento, em um processo de impeachment não consensual na sociedade brasileira. Apesar da campanha contrária, da tentativa de mobilizar seus apoiadores, de forma a conter o processo e preserver o mandato, Rousseff aceitou a decisão dos senadores e as regras previstas na legislação, curvando-se à ordem constitucional.

título do texto recorda que é a Constituição, e não Deus, que está acima de todos num Estado de Direito Democrático. O editorial deixa claras as razões do receio com o futuro do país ao recordar que, nos seus 27 anos como deputado e também durante a eleição de 2018, "Bolsonaro deu inúmeros sinais de que ignora rudimentos da convivência democrática, como o respeito às instituições do Estado, a proteção das minorias e a transigência com diferentes pontos de vista". A *Folha* cita ainda o processo judicial movido por Bolsonaro contra o jornal, destacando a "distância entre o governante que manifesta seu incômodo e aquele que deseja eliminar opositores e silenciar críticos." Para o jornal, Bolsonaro precisa "assimilar as lições que nunca aprendeu e mostrar-se a altura do mandato recebido." Eis aí alguns dos principais eixos retóricos do discurso populista, o desprezo pela mediação da imprensa, acusada frequentemente por políticos populistas de produzir falsas notícias. Elas, na visão dos líderes populistas, afrontariam os interesses da população, com a qual aqueles querem comunicar-se diretamente.

Por seu turno, o jornal *O Estado de S. Paulo* também comparou as candidaturas de Bolsonaro e Haddad, sublinhando os defeitos políticos de ambos, em particular as atitudes que poderiam figurar como ameaças à democracia. Em "Uma escolha muito difícil", editorial de 8 de outubro, o jornal destaca que, pela primeira vez, desde o fim da ditadura militar o país optara pelos "extremos", deixando de lado a "moderação", numa atitude reveladora do "fastio" dos eleitores "com a política tradicional depois de sucessivos anos de escândalos." Assim como a *Folha*, o *Estadão* dispôs Haddad e Bolsonaro como duas faces de uma mesma moeda, "dois extremos" do pleito eleitoral, ainda que, como a História registra, o PT tenha governado muito mais próximo do centro político do que dos partidos da extrema esquerda. Apesar das diferenças, *Estadão* nivelou ambos os candidatos, representando Bolsonaro como o "truculento defensor do regime militar" e o seu oponente, Haddad, como o "preposto de um presidiário", em referência ao fato de ter substituído o ex-Presidente Lula da Silva. Para o jornal, "não será nada fácil para o eleitor decidir entre um e outro."

Já no editorial de 28 de outubro, "Salto no escuro", o jornal classifica a eleição de Bolsonaro como resultado de um processo de "tiriricarização da política" em

alusão à eleição do palhaço Tiririca como deputado mais votado do país, nas eleições de 2010. Com isso, o diário parece parodiar a vitória do ex-capitão do Exército. O fator explicativo dessa vitória teria sido o fato de Bolsonaro "ter se apresentado como a antítese raivosa do lulopetismo", uma referência aos ideais do Partido dos Trabalhadores. Apesar da satisfação com a derrota do PT, partido ao qual o jornal fez oposição histórica, como demonstram estudos recentes (AZEVEDO, 2017), lamenta-se o perfil político daquele que impediu a volta do PT ao poder. Bolsonaro é visto como "portador de um discurso raivoso e vazio, que apelou aos sentimentos primários de uma parte significativa da sociedade exausta de tanto lulopetismo."

O editorialista do *Estadão* enquadra a vitória de Bolsonaro como resultado da degradação moral da classe política perante a sociedade, perspectiva que os líderes populistas normalmente exploram. Com efeito, o modo como o jornal representou o político instaura um contexto semântico no qual ficam visíveis os elementos-chave de uma estética populista, com destaque para o ataque às instituições e a grupos minoritários, transformados em inimigos, além da alta negatividade do discurso. Além disso, a referência à exaustão do eleitorado com a "política tradicional" representa outra grande marca do populismo político, qual seja a ideia de antielitismo ou anti-etablishment.

Também o jornal carioca *O Globo* demonstrou preocupação com os eventuais riscos à democracia brasileira, mas sublinhou aspectos menos enfatizados pelos outros jornais, como a ideia de que aquele processo eleitoral, mesmo com as características de uma polarização extrema, seria uma "prova da solidez" democrática no Brasil. No editorial de 7 de outubro, intitulado "Voto é renovação do compromisso com a democracia", O Globo adotou tom prescritivo, afirmando que a discussão de propostas deve ser feita com base no respeito às regras do jogo democrático. A advertência não é destinada apenas a um dos candidatos. Como *Folha* e *Estadão*, *O Globo* equipara as estratégias políticos de ambos os candidatos, qualificando-as de testes às instituições: "instituições enfrentam testes impostos pelo autoritarismo de esquerda e de direita". Com isso, *O Globo* defende que tanto a atitude do PT de questionar a decisão judicial que condenou Lula da Silva quanto a

suspeição que Bolsonaro lançou sobre a urna eletrônica configuram duas faces de mesma estratégia política que atenta contra o estado democrático e de direito.

Em editorial de 28 de outubro, Bolsonaro aparece em *O Globo* como o candidato antissistema: "Acumula 28 anos de carreira como deputado federal. Político profissional. Se carrega uma características atraente para o eleitorado de 2018 é ser antissistema – contra os arranjos de poder construídos pelo PT e PSDB, nestas três décadas da Constituição de 1988". Com efeito, é clara a carga semântica positiva em face de Jair Bolsonaro, em detrimento dos sentidos associados ao seu adversário, identificado como a "continuidade" de um certo "modo de governar" já conhecido, representante "da força carismática de Lula, que controla o PT de forma vertical." O título do editorial, "Eleição é uma etapa num processo de mudança na política", coloca Bolsonaro na condição de alternativa para a mudança.

No pós-eleições, *O Globo* se distanciou dos outros jornais brasileiros, em termos de propostas interpretativas. Enquanto o *Estadão* considerou a vitória de Bolsonaro um "salto no escuro", *O Globo* enfatizou a alternância no poder como "marca da solidez da democracia brasileira". Em "A hora do rodízio democrático no poder", editorial de 29 de outubro, o jornal afirma: "A derrota do PT para uma direita assumida realça o mecanismo de oxigenação do regime pelo voto". Como se nota, identifica-se o líder como um político de direita, enquadrando o resultado eleitoral de modo muito positivo: "oxigenação do regime".

Por outro lado, os elementos retóricos e ideológicos do populismo foram muito observados nos editoriais publicados na posse do novo presidente brasileiro, exceção igualmente de *O Globo*. Em "Retórica da posse", editorial de 2 de janeiro de 2019, um dia após a cerimônia, a *Folha* afirma que o discurso do novo Presidente, em vez de apresentar propostas de governo, teve apenas o efeito de prolongar "o embate ideológico com inimigos já apeados do poder". O jornal sublinhou o tom adotado pelo novo mandatário brasileiro ao referir-se ao Partido dos Trabalhadores, derrotado nas eleições. O editorialista enquadra Bolsonaro como "populista", que "precisa de inimigos imaginários" para manter-se em sintonia com seu eleitorado, por intermédio de uma "retórica conservadora, que fala em Deus a todo momento, promote valorizar a família e combater a agenda de gênero."

De igual modo, no editorial "A posse de Bolsonaro", publicado no dia seguinte ao da posse, *O Estado de S. Paulo* considerou que o discurso do novo Presidente "resvalou num populismo rasteiro – um claro sintoma de que não deu conta dos desafios que terá de enfrentar nem do real papel que terá de exercer como Presidente da República." O *Estadão* enfatiza as palavras do Presidente perante o Congresso Nacional, resgatando outro elemento da retórica populista, o de que os líderes populistas exploram a percepção pública de um estado de crise permanente, que precisaria de reparação. Recorda, ainda, a necessidade de um governo sintonizada e em harmonia com os parlamentares, para que reformas estruturais sejam aprovadas. Para o jornal, na posse, Bolsonaro se limitou a repetir "chavões de campanha", "em vez de apontar soluções efetivas para os problemas do país".

O recurso a um vocabulário genérico para tratar dos dilemas nacionais, apelativo das emoções de um público desencantado com "um estado geral de coisas", é outra marca da retórica do populismo percebida no editorial do *Estadão*. Sobre o discurso do Presidente, o *Estadão* destacou, ainda, as "afirmações fora da realidade" que alimentaram "mitos da campanha" sobre "inimigos imaginários", os quais precisariam ser combatidos "para garantir a pureza da pátria". A forte ideologização do discurso demonstra o enquadramento de Bolsonaro pelo jornal como político populista:

> Bolsonaro teve a desfaçatez de dizer que o País estava, naquele momento, se libertando do socialismo e, tirando a bandeira nacional do bolso, num gesto teatral, garantir que aquele símbolo nunca seria manchado de vermelho – exceto o sangue derramado para garantir a pureza da pátria. A que caminhos o presidente pretende levar a Nação, com afirmações tão fora da realidade? (O ESTADO DE S. PAULO, 02/01/2019).

Comparando aos enquadramentos da *Folha* e do *Estadão*, nos editoriais de *O Globo* sobre a posse, não aparecem de modo tão explícito as categorias da retórica do populismo. Ao contrário, *O Globo* enxergou uma atmosfera de apelo à conciliação nacional, como se constata no título do editorial de 2 de janeiro: "Governo Bolsonaro. Acenos positivos ao entendimento e ao fim das divisões". O diário carioca destaca a necessidade de aprovação de reformas para recuperar o equilíbrio das contas. No texto, volta-se a considerar que a eleição de um "líder de direita" representa "solidez da democracia."

O editorialista de *O Globo* compara Bolsonaro e Lula. Segundo o jornal, se este foi o "primeiro operário" a chegar ao poder, aquele "carrega a marca do ineditismo de ser um representante assumido da direita". Assim, qualifica "tucanos" e "petistas" como políticos à esquerda. "Cumpre-se o saudável princípio democrático de alternância no poder, depois de longo ciclo de governos à esquerda, de tucanos e petistas, sustentados em alianças com forças conservadoras." O texto desconsidera, assim, os governos de Fernando Henrique Cardoso, marcados por uma série de políticas liberalizantes, mais próximas do espectro da direita. Em *O Globo*, portanto, o discurso de posse de Bolsonaro foi classificado apenas como "fala ideológica", mas "compreensível", apesar de o editorialista reconhecer que "para governar, precisará descer do palanque".

6. Análise dos jornais internacionais

Em frontal discordância da opinião de *O Globo*, *Le Monde* defende que o Brasil vivencia uma "vaga reacionária", que ameaça a democracia. Para o jornal, o processo eleitoral "acentuou os males do regime democrático", deixando o país na iminência de ser "lançado num regime populista". No editorial "Eleição presidencial no Brasil: a democracia ameaçada", de 9 de outubro, o editorialista afrima que o país precisaria escolher entre a "manutenção do estado de direito" e a entrada "em um regime populista comandado por um candidato de extrema direita", que vocaliza um "discurso incendiário", "saudosista da ditadura". Note-se já aqui uma diferença no modo de enquadrar Bolsonaro: enquanto os jornais brasileiros o qualificam como candidato de direita, *Le Monde* o classifica como voz da "extrema-direita" e suas propostas como "racistas", "misóginas" e "homofóbicas".

Na contramão do que fizeram veículos anteriormente analisados, o editorialista do diário parisiense estabelece uma clara distinção entre Bolsonaro e o Partido dos Trabalhadores. De acordo com o editorial, "não se pode colocar o PT e Bolsonaro em pé de igualdade. Lula e seus seguidores jamais colocaram em risco o processo democrático brasileiro". Prossegue, para justificar o posicionamento: "Eles saíram do poder logo que a presidente Dilma Rousseff foi destituída em 2016, a reboque de um processo cuja legitimidade foi por eles contestada". Por outro lado,

continua o texto, “a perspectiva de uma vitória de Bolsonaro é, no entanto, forte ameaçada para a jovem democracia brasileira”. Para *Le Monde*, “a ascensão de Jair Bolsonaro não deve surpreender”:

> Ele compreendeu o rancor de uma população exasperada pela corrupção e pelo crime. Ele foi capaz de aproveitar a sede de mudança de uma parte do país, que queria virar a página de doze anos e meio de governo do Partido dos Trabalhadores (2003 a meados de 2016) e seus erros (LE MONDE, 9/10/2018 – tradução nossa).

Como se observa, a percepção do jornal sobre o desempenho de Bolsonaro se relaciona diretamente com aquilo que vários autores identificam como marca do líder populista. Após a eleição, o editorial de 29 de outubro, “O inquietante regresso ao passado”, não deixa dúvidas quanto a posição de *Le Monde* sobre Bolsonaro: “Com a eleição de Bolsonaro, nostálgico da ditadura, o Brasil se junta a uma lista de países que foram lançados ao nacional-populismo”. O texto considera que “o país acaba de eleger um presidente racista, sexista e homofóbico, partidário da tortura e nostálgico de uma ditadura que ele diz jamais ter existido.” “Aos 63 anos, Bolsonaro é, de longe, o chefe de Estado de direita mais extremista da história recente da América Latina”, defensor de um “ultranacionalismo quimicamente puro”.

Acentuando as categorias fundamentais da retórica populista, *Le Monde* prossegue na caracterização de Bolsonaro, afirmando que ele se distingue por seu “abuso verbal” e “racismo em relação aos povos indígenas e negros, sua misoginia e seu culto às armas de fogo”. Além disso, o editorial chama a atenção para a estratégia discursiva de construção de uma dualidade ideológica do “nós” – o Brasil – contra “eles” – “delinquentes” e “vermelhos”, em referência a partidos da esquerda – vistos por Bolsonaro como “inimigos da pátria”: “O Brasil, invocado em quase todas as suas sentenças, deve ser libertado e, segundo ele, purificado de “delinquentes” e “vermelhos”. “Essa retórica rapidamente lhe rendeu a designação da imprensa como "Brazilian Trump" ou "Trump Tropical".

Nesse mesmo sentido, outro jornal francês, *Liberátion*, comparou o presidente brasileiro ao mandatário dos Estados Unidos, mas ressalvou que “o ocupante da Casa Branca ao menos respeita as instituições.” No editorial de 4 de outubro, “Ameaça”, *Liberátion* afirma que “o ex-capitão elogia o legado das ditaduras chilena e brasileira, milita pelas execuções extrajudiciais de traficantes e sequestradores e

ameaça abalar a maior democracia do continente sul-americano." Bolsonaro é qualificado como um "militar nacional-populista" cujo desempenho nas urnas se deveria ao fato de ele ter explorado o sentimento antipetista, além de valores da direta ultraliberal e da extrema-direita, identitária e autoritária. "Ele incorpora tanto a direita ultraliberal (...) quanto a direita autoritária, identitária, que defende a violência armada contra a delinquência endêmica que mina a sociedade brasileira". (LIBERÁTION, 4/10/2018 – tradução nossa).

Também nos editoriais de *El Pais*, Bolsonaro aparece como uma ameaça ao Estado de direito, líder que "despreza as instituições e o regime de liberdades". No editorial de 8 de outubro, "A hora do Brasil", o espanhol considera que as eleições colocaram os brasileiros perante a "decisão radical" de decidir entre a democracia "ou inclinar-se, de fato, para uma alternativa autoritária". Para o jornal, agora, os brasileiros têm de decidir "entre um candidato que entende e cumpre os padrões de governança das democracias ocidentais e outro que despreza e considera inválido o sistema de liberdades que desde o final da ditadura garante a igualdade e o progresso de 208 milhões de brasileiros".

Em sintonia com os enquadramentos de *Le Monde* e *Liberátion*, *El Pais* enquadra Bolsonaro como um "ultradireitista" dono de "um discurso abertamente xenófobo, racista e homofóbico, laudatório da ditadura militar". Assim, o jornal recomenda que os eleitores optem pela candidatura de Haddad, porque "sua candidatura já não é somente do PT, mas de todos os democratas do Brasil". Novamente, um veículo internacional se contrapõe a enquadramentos veiculados na imprensa brasileira, segundo os quais ambos os candidatos eram faces de uma mesma moeda. "Nada mais fora da realidade", conforme *El Pais*, para o qual: "Com todas suas polêmicas, problemas, escândalos e processos judiciais, o PT é um partido que na oposição sempre respeitou as regras do jogo democrático".

Em "Bolsonaro não é a solução", editorial publicado em 26 de outubro de 2018, *El Pais* manifesta-se, de forma mais incisiva, sobre as razões para um veto a Bolsonaro. Na descrição das atitudes do candidato, o editorialista traz à tona, mais uma vez, marcas essenciais do populismo, entre as quais, criminalização dos adversários politicos e de grupos vulneráveis, transformados, na retórica populista,

em inimigos da pátria. Como lemos no editorial:

> Ao longo do último mês, esse ex-militar nostálgico da ditadura se dedicou a demonizar perigosamente seus adversários políticos, tachando-os de 'criminosos vermelhos', prometendo que 'vão ser varridos' do país e os ameaçando com a 'prisão e o exílio'. Bolsonaro não hesitou em promover um discurso de ódio contra as mulheres e as minorias, que constituem metade da população, reabrindo uma brecha de corte racial em um país com uma das taxas mais elevados de violência na região, um problema que ele quer combater com mais violência (EL PAIS, 26/10/2018).

O jornal considera que todas essas questões levam o programa de Bolsonaro a colocar "em risco o futuro democrático do Brasil", acrescentando que: "A concentração do poder nas mãos de um militar autoritário em um país enfraquecido institucionalmente só ajudaria a precipitar a saida do Brasil dos esquemas democráticos para transformá-lo, provavelmente, em uma ditadura eleitoral". O editorialista reconhece o clima de insatisfação em face da corrupção aparentemente generalizada das elites, a qual Bolsonaro soube incorporar, mas deixa um conselho: "O impulso legítimo de purgar um sistema e punir suas elites extrativistas não pode resultar na escolha de um candidato que põe em causa a própria sobrevivência da democracia". No editorial "Frente a Bolsonaro", de 30 de outubro de 2018, *El Pais* enxerga na eleição de Bolsonaro "um péssimo presságio para o maior país da América Latina e oitava economia do mundo."

Defende que, a partir da eleição de um líder "de princípios incompatíveis com uma democracia", a oposição "será essencial para frear os excessos do novo Presidente do Brasil", de modo a impedi-lo de "tornar realidade seus discursos homofóbicos, xenófobos, favoráveis à ditadura, às armas, à tortura e ao encarceramento dos opositores".

Na mesma direção, o *Público* assevera, em "A eleição do desespero", de 7 de outubro: "Eleger um ditador com vocação para ser *cartoon*, misógino, racista, belicoso, autoritário é apenas uma catástrofe do tamanho da catástrofe causada pela política brasileira." O diário segue a linha dos congêneres europeus: Bolsonaro seria um "títere" do "momento tumultuoso" do Brasil, "desencantado" e "ressentido" com um certo estado de coisas: "Quando o desencanto leva, como levou, ao ressentimento e ao ódio, tanto serve para chegar ao poder um Tiririca (um palhaço eleito deputado sob o lema "Pior do que está não fica") como um ex-militar boçal e

autoritário". O desempenho de Bolsonaro é visto como resultado de uma descrença coletiva. No editorial de 29 de outubro, "Um dia negro para a democracia brasileira", *Público* considera que "Bolsonaro é o derradeiro capítulo de um processo de autodestruição das elites políticas brasileiras. Como todos os outros capítulos, é uma vergonha e uma desgraça."

Dessa maneira, o jornal entende que o Brasil se tornou um "balão de ensaio sobre o regresso ao passado", com características muito específicas, se comparado com outros contextos da atualidade. Apesar de reconhecer semelhanças entre o Presidente brasileiro e o americano, o editorialista do *Público* defende que "comparado com Bolsonaro, Trump é um filósofo de Enciclopédia, progressista e tolerante." Novamente, as categorias que constituem a lógica populista são sublinhadas, de modo claro, tal como o estímulo do ódio contra grupos minoritários, a exploração da dualidade ideológica de nós contra eles e a tendência para fazer desacreditar publicamente as instituições que garantem a ordem democrática. "Se o novo Presidente do Brasil tem um mérito é o de não esconder a sua homofobia, o seu racismo, ou a sua propensão para a arruaça e para a violência."

Por seu turno, *The Guardian* enquadra Bolsonaro como "imenso perigo à democracia", qualificando-o como um "extremista" de "ultradireita" não comparável ao presidente norte-americano: "Ele não é Trump, ele é pior". Em "Democracia em perigo", de 4 de outubro, o londrino destaca diferentes marcas da retórica populista ao reportar-se a Bolsonaro. Afirma que apesar de ele e Trump serem "sintomas de problemas mais profundos", comparar os dois é ser "muito gentil" com o brasileiro:

> Chamá-lo de Donald Trump da América Latina, como alguns o fizeram, é muito gentil. Bolsonaro é um misógino e homofóbico, cujas opiniões sobre as comunidades indígenas e o meio ambiente são tão sombrias quanto. Ele elogia os torturadores e a ditadura militar que governou o Brasil de 1964 a 1985. Recentemente, ele pediu que seus opositores políticos fossem mortos. Seu fanatismo é retratado como "honestidade". (GUARDIAN, 04/10/2018 – tradução nossa).

Para *The Guardian*, a força de Bolsonaro veio de uma série de fatores sociais que estimulou grande desalento na sociedade brasileira. O diário cita a Operação Lava-Jato, que "expôs a profundidade da corrupção", "a pior recessão econômica" e a "chocante marca" de "63.880 homicídios no último ano". Para o editorialista, esses

dados aumentam “o apelo por um punho de ferro”, sentimento que “Bolsonaro soube capitanear numa campanha populista” ao apresentar-se como um “*outsider* que vai limpar a política”. Na visão do jornal, “com um estilo informal, mas assustador, Bolsonaro se apresentou com sucesso como candidato anti-*establishment*, apelando aos eleitores que estavam fartos da corrupção política.” Desse modo, o editorial menciona que o candidato “construiu o apoio dos jovens eleitores por meio das redes sociais” e ganhou simpatia “também de forças antigas: os militares, os ricos fazendeiros, os empresários, os socialmente conservadores”.

The Guardian afirma que é “deprimente pensar que pela primeira vez desde o retorno da democracia em 1985 os brasileiros elegeram um presidente da república de extrema-direita.” Sugere que líder brasileiro representa um perigo “não apenas para seu país, mas para o planeta”, já que suas promessas de política ambiental podem “acelerar as mudanças climáticas, não restringir”. Em “Perigo global”, editorial de 31 de outubro, incita “A União Europeia e a Grã-Bretanha a agirem para salvar o planeta de Jair Bolsonaro”. O jornal volta a recordar o perfil político de Bolsonaro, num relato que evoca a retórica populista: “O presidente eleito promete trazer ordem espalhando o caos com uma flexibilização das leis de armas. Isso vai custar vidas em um país que já registra mais de 60.000 assassinatos por ano”.

Com enquadramentos alinhados aos do *Guardian*, *o New York Times* referiu-se à iminente vitória de Bolsonaro como a “A triste escolha do Brasil”. No editorial de 21 de outubro, o veículo nova-iorquino lamenta que o país tenha optado por alguém de “visões repulsivas”. “Ele disse que se tivesse um filho homossexual, preferia que morresse; que uma colega do Parlamento era muito feia para ser estuprada; que os afrodescendentes eram preguiçosos e gordos”, sublinha o jornal. No editorial de 30 de outubro, lê-se: “Na campanha, ele passou a ser mais conhecido por seus comentários escandalosamente ofensivos sobre gays, negros, indígenas e mulheres e por defender a antiga ditadura militar, tortura e armas.”

O americano compõe, assim, um perfil do político que reverbera categorias semânticas do populismo, como o aproveitamento eleitoral de um cenário de crise política, social e moral. De acordo com o veículo, “os brasileiros estão desesperados por mudanças”, em função da “violência galopante” e da corrupção revelada na

Operação Lava-Jato. “Contra esse pano de fundo”, explica o editorial, “as opiniões grosseiras de Bolsonaro são interpretadas como franqueza, sua carreira obscura como parlamentar como a promessa de um *outsider* que limpará os estábulos.” Por outro lado, “sua promessa de adotar um punho de ferro” é vista como “esperança para frear o recorde de 175 homicídios por dia, média do ano passado.” Assim, *New York Times* pergunta: “Soa familiar?”, respondendo que Bolsonaro “é o mais recente de uma longa lista de populistas que surfaram numa onda de descontentamento, frustração e desespero para o mais alto cargo de seus respectivos países. Não por acaso, ele é frequentemente descrito como o Trump brasileiro.” No editorial “Brasil dá guinada à direita”, de 30 de outubro, o veículo considera que, agora, “Bolsonaro se junta ao clube dos populistas reacionários”, tendo seguido um “roteiro já familiar” nesta “estação global de políticos de extrema-direita”: “Um político marginal oferecendo vítimas e prometendo ordem capta o sentimento de uma nação ansiosa por mudança, qualquer mudança.”

O jornal classifica como “retrógrado” o discurso do líder brasileiro e sua plataforma de campanha como exemplo de “retrocesso” ao sublinhar a pretensão de sair do Acordo de Paris, além da “tática bélica” para o enfrentamento do crime, expressa na frase “bandido bom é bandido morto”. Agora, de acordo com o texto, “a questão é saber se as instituições democráticas do Brasil, ainda adolescentes, poderão resistir a um ataque de extrema direita”.

7. Considerações finais

Após uma leitura crítica do conceito de populismo, baseada em contribuições provenientes dos campos da ciência política e da comunicação, a análise procurou identificar categorias semânticas da retórica populista em editoriais publicados em jornais nacionais e internacionais sobre a eleição de Jair Bolsonaro. Partimos de hipóteses que acabaram comprovadas pela análise. Com efeito, os enquadramentos identificados nos editoriais revelaram que os jornais incorporaram boa parte dos elementos que os autores trabalhados anteriormente apresentam como constitutivos da lógica populista. A ameça à ordem democrática é uma das principais questões levantadas pelos jornais. No entanto, apesar de reconhecerem que o regime

democrático pudesse estar em risco, os jornais brasileiros, sobretudo O Globo, insistiram na ideia de que a realização das eleições era uma prova da solidez da democracia. De igual modo, partiram para a construção uma comparação entre Jair Bolsonaro e Fernando Haddad, sugerindo que, se há ameças à ordem democrática, estas viriam de uma parte a outra.

Dessa maneira, ao propor uma equivalência entre ambas as candidaturas, *O Globo, Estadão e Folha de S. Paulo* contribuíram para a uma naturalização do processo eleitoral, especialmente da candidatura de Jair Bolsonaro. Esse efeito de naturalização, por parte dos *media* brasileiros, fica ainda mais evidente pelo contraste com os enquadramentos da imprensa internacional. A posição dos veículos estrangeiros é de que não há possibilidade de comparação entre os candidatos. Para estes, o perigo à democracia viria apenas da candidatura do candidato do Partido Social Liberal, cujo perfil traçado nos editoriais estrangeiros incorporou todos os elementos do populismo. Assim, os sentidos estudados na análise, em particular os enquadramentos da imprensa internacional, ajudam a compreender de que forma os *media* representam este novo fenômeno político que poderíamos chamar de "bolsonarismo". Em suma, o trabalho procurou contribuir com uma discussão que tem ocupado diferentes autores de relevo na área de comunicação e política, no sentido de propor uma reflexão sobre o papel que os meios de comunicação possuem na veiculação de valores e marcas da lógica populista a partir do caso brasileiro.

8. Referências

ANKARD, James W.. The Empirical Approach to the Study of Media Framing. In: REESE, Stephen; GANDY, Oscar; GRANT, August. **Framing public life: perspectives on media and our understanding of the social world.** London: Lawrence Erlbaum Associates, 2001. p. 95-106.

AZEVEDO, Fernando Antônio. **A grande imprensa e o PT (1989-2014).** São Carlos: Edufscar, 2017.

BOS, Linda; BRUG, Wouter van Der; VREESE, Claes de. How the Media Shape Perceptions of Right-Wing Populist Leaders. **Political Communication**, [s.l.], v. 28, n. 2, p.182-206, 28 abr. 2011. Informa UK Limited.

CANOVAN, Margaret. Trust the People! Populism and the Two Faces of Democracy. **Political Studies**, [s.l.], v. 47, n. 1, p.2-16, mar. 1999. SAGE.

GAMSON, W. A.; MODIGLIANI, A.. The Changing Culture of Affirmative Action. **Research In Political Sociology**, London, n. 3, p.137-177, maio 1989.

GERBAUDO, Paolo. Social media and populism: an elective affinity?. **Media, Culture & Society**, [s.l.], v. 40, n. 5, p.745-753, 8 maio 2018. SAGE Publications.

HAMELEERS, Michael; BOS, Linda; VREESE, Claes H de. Shoot the messenger? The media's role in framing populist attributions of blame. **Journalism**: Theory, Practice & Criticism, [s.l.], p.146488491769817-186, 13 mar. 2017. SAGE.

JURADO, Roberto García. Las Raices del populismo: los movimientos populistas del siglo XIX en Rusia y estados Unidos. **Argumentos**, México, v. 63, n. 23, p.267-288, mai. 2010.

KRÄMER, Benjamin. Media Populism: A Conceptual Clarification and Some Theses on its Effects. **Communication Theory**, [s.l.], v. 24, n. 1, p.42-60, 16 jan. 2014. Oxford University Press (OUP).

LACLAU, Ernesto. **On Populist Reason.** London/new York: Verso, 2005.

MAZZOLENI, Gianpetro; STEWART, J.; HORSFIELD, Bruce. **The Media and Neo-Populism. A Contemporary Comparative Perspective.** Westport: Praeger, 2003.

MAZZOLENI, Gianpetro. Populism and the Media. In: ALBERTAZZI, Daniele; MCDONNELL, Ducan (Org.). **Twenty-First Century Populism.** London: Palgrave Macmillan, 2008. p. 49-64.

MOFFITT, Benjamin; TORMEY, Simon. Rethinking Populism: Politics, Mediatisation and Political Style. **Political Studies**, [s.l.], v. 62, n. 2, p.381-397, 15 maio 2013. SAGE Publications. http://dx.doi.org/10.1111/1467-9248.12032.

MUDDE, Cas; KALTWASSER, Cristobal Rovira. **Populismo: Uma Brevíssima Introdução.** Lisboa: Gradiva, 2017.

MULLER, Jan-werner. **O Que É o Populismo?** Lisboa: Textos Editores, 2017.

WAISBORD, Silvio. The elective affinity between post-truth communication and populist politics. **Communication Research And Practice**, [s.l.], v. 4, n. 1, p.17-34, 2 jan. 2018. Informa UK Limited.